



A ECONOMIA DA ERVA-MATE: UMA BREVE PERSPECTIVA

Heron S. M. Begnis¹

RESUMO

A erva-mate (*Ilex paraguariensis*) representa um tradicional produto primário de origem florestal que desempenha relativa importância na economia agroindustrial da Região Sul do Brasil. Assim, pretende-se, com este artigo, trabalhar alguns dados sobre a produção, industrialização e consumo de erva-mate nesta região, principalmente contextualizando a inserção da Região do Vale do Rio Pardo e o município de Venâncio Aires na chamada economia do mate. Serão, portanto, apresentados neste artigo, dados setoriais da erva-mate e os principais elementos de análise deste segmento, no período representado pela década de 90.

Palavras-chave: Erva-mate, Indústria ervateira, Mercado, Venâncio Aires.

ABSTRACT

The 'erva-mate' (*Ilex paraguariensis*), is a kind of tea that the people usually drink in the south of Brazil, Argentina and Uruguay. It is a traditional agricultural product in this area, specially in the agribusiness of Brazilian's states like Santa Catarina, Paraná and Rio Grande do Sul. Then, we intend, with this paper, to show some information about this agricultural production, industry, marketing and consumers preferences. Also we intend to insert the region of Rio Pardo Valley and Venâncio Aires county in the conjecture of the 'erva-mate' economy. In this paper, the economic segment under consideration was analyzed considering the main information of the nineties.

Key words: Erva-mate, Industry, Market, Venâncio Aires.

¹ Economista, Mestre em Economia Rural (IEPE/UFRGS), professor do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas - CEPE/UNISC e coordenador do Curso de Ciências Econômicas da UNISC. E-mail: heron@deco.unisc.br.

1 INTRODUÇÃO

A economia da erva-mate (*Ilex paraguariensis*) nos estados do sul do Brasil já de longa data tem demonstrado significativa importância no contexto rural e agroindustrial. Não obstante, como se trata de um segmento regionalizado, o meio acadêmico costuma dar-lhe pouca atenção, principalmente em relação a estudos de ordem econômica. Os estudos mais frequentemente encontrados sobre a erva-mate, a partir dum enfoque econômico, relacionam-se principalmente aos custos de produção em nível de propriedade rural e estudos comparativos em termos de Mercosul, tais como os reunidos por Winge (1995).

Em uma tentativa de construir uma panorâmica geral da atividade ervateira, este artigo tem por objetivo reunir dados recentes que possam revelar alguns aspectos macro e microeconômicos deste segmento. Assim, como o município de Venâncio Aires, na Região do Vale do Rio Pardo, situada na parte central do Rio Grande do Sul, tem na erva-mate uma identificação tanto cultural como econômica, este estudo preocupa-se em contextualizar a inserção deste município no universo econômico da erva-mate no sul do Brasil. De modo específico, este artigo pretende demonstrar qual a amplitude da economia da erva-mate nos estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina e em que medida se dá a participação do município de Venâncio Aires neste contexto.

Cabe aqui destacar que este estudo vem complementar uma série de pesquisas tecnocientíficas sobre o cultivo e industrialização da erva-mate na Região do Vale do Rio Pardo que configuram um conjunto de ações relacionadas à erva-mate promovidas pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC através de seu Pólo de Modernização Tecnológica.

Este estudo da economia da erva-mate implementou-se através da organização de informações setoriais dispersas na literatura e em diferentes bases de dados estatísticos. Primeiramente investigou-se sobre a origem da cultura da erva-mate enquanto atividade econômica e sua importância na formação econômica da Região Sul. Na seqüência, tratou-se de apresentar um comparativo deste segmento entre os estados brasileiros produtores de mate. Por fim, são apresentadas algumas considerações acerca do mercado consumidor e do ramo da indústria produtora de erva-mate para chimarrão.

2 UM BREVE RETROSPECTO DA ECONOMIA DO MATE

A erva-mate já era utilizada no preparo de uma bebida em infusão pelos indígenas que habitavam o continente Sul-americano desde os tempos pré-colombianos. O hábito de consumo da erva-mate como bebida estimulante era adotado inclusive por tribos situadas em regiões onde não havia a ocorrência natural desta planta. O mate como bebida,

evoluiu, com a ajuda dos padres jesuítas, até chegar ao formato do conhecido chimarrão, amplamente consumido nos estados do Sul do Brasil. Nas missões, os padres jesuítas desenvolveram a cultura da erva-mate, planta nativa deste continente, de forma que esta representou um dos primeiros produtos de exportação dos estados da Região Sul.



FIGURA 1: Área de ocorrência natural da erva-mate no Brasil.

FONTE: Elaborado pelo autor a partir da bibliografia consultada.

Já nos tempos do Brasil-Colônia, a erva-mate começou a ganhar importância econômica. No começo do século XIX, o “ciclo do mate” se inicia, primeiramente na região paranaense e posteriormente na catarinense. Conforme Furtado (1989), a expansão da atividade ligada à produção de erva-mate na região paranaense trouxe um duplo benefício ao núcleo de economia de subsistência que se formava na região que hoje compreende o estado do Paraná. Nesta região, os agricultores que se estabeleceram mais

para o interior (notadamente imigrantes europeus) puderam complementar e expandir suas rendas associando a atividade agrícola de subsistência com o extrativismo da erva-mate voltado a exportação². Assim, pode ser observado que a atividade ervateira no Brasil, assim como as demais atividades geradoras de vultosa renda neste período, também nasce voltada para a exportação.

Na região de Santa Catarina, a atividade ervateira começa a ganhar importância econômica no decorrer da segunda metade do século XIX, a partir do declínio da atividade tropeira. Souza (1998), afirma que já em 1850, a região do Planalto Norte Catarinense desenvolvia uma intensa atividade ervateira. Conforme este autor, é a atividade extrativa da erva-mate, em conjunto com a pecuária extensiva, que fundamentam economicamente a chamada "Guerra do Contestado"³.

Posteriormente, a crise de 1930 marca o início de um ciclo de declínio da economia ervateira, derivada da profunda retração do comércio internacional. Neste mesmo período, se dá a reversão da orientação da atividade ervateira, antes voltada basicamente para o mercado externo, para o atendimento do mercado interno. Voltado para o seu próprio mercado, o Rio Grande do Sul desponta como o maior produtor brasileiro de erva-mate em folha verde. Hoje, os principais consumidores internos são respectivamente os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro.

Embora por muito tempo o processamento da erva-mate tenha sido feito de forma artesanal ou de forma bastante rústica, hoje, basicamente toda a oferta de erva-mate provém de processos mecânicos, onde as operações são efetuadas automaticamente e consumindo pouco tempo. Assim, a economia da erva-mate desenvolveu-se nos três estados do sul do Brasil, constituindo um segmento de indústria processadora com características próprias e envolvendo grande número de produtores rurais.

3 CARACTERÍSTICAS E ESTRUTURA DE MERCADO DA ERVA-MATE

3.1 A produção de erva-mate no Brasil

A erva-mate é uma cultura nativa do continente sul-americano, que no Brasil é encontrada principalmente em quatro estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná

² Conforme explica Furtado (1989), em nota de rodapé da página 144, o valor das exportações de erva-mate subiu algo em torno de 719% entre a metade e o final do século XIX, de 48 para 393 mil libras. A rápida expansão desta atividade no início do século XX deveu-se às exportações que logravam preços altamente favoráveis.

³ A Guerra do contestado iniciou-se em 1912, e terminou em 1916, por intervenção de forças do governo federal. Constitui-se, basicamente, no questionamento de fronteiras de Santa Catarina por parte do Paraná.

e Mato Grosso do Sul em menor escala. Nestes estados, a maior parte dos ervais explorados comercialmente constituem-se de plantas nativas.

TABELA 1: Área Plantada de Erva-mate no Brasil (1990-97).

Ano	Paraná		Santa Catarina		Rio Grande do Sul		Outros Estados		Brasil	
	Hectares	%	Hectares	%	Hectares	%	Hectares	%	Hectares	%
1990	881	10	293	3	7.341	86	0	0	8.515	100
1991	892	9	1.470	14	7.864	77	0	0	10.226	100
1992	1.200	9	794	6	11.458	85	2	0	13.454	100
1993	2.000	9	1.148	5	19.204	86	3	0	22.355	100
1994	3.831	14	1.524	6	21.998	80	5	0	27.358	100
1995	4.402	13	2.845	8	27.160	79	5	0	34.412	100
1996	5.822	13	10.636	24	27.667	63	0	0	44.125	100
1997	6.497	12	10.556	20	34.977	66	1.017	2	53.047	100

FONTE: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE (Produção Agrícola Municipal), disponíveis na Internet: <http://www.sidra.ibge.gov.br>

No estado do Paraná, a área ocupada pelos ervais abrange aproximadamente 6,5 mil hectares (*Tabela 01*), dos quais, conforme Mazuchowski e Rücker (s.d.), 90% estão ocupados por ervais nativos. Ainda segundo estes autores, a atividade ervateira no Paraná se verifica em cerca de 51 mil produtores distribuídos em 180 municípios envolvendo mais ou menos 138 mil pessoas. Em Santa Catarina, 10,5 mil hectares são ocupados com a cultura da erva-mate. De 1990 a 1997 a área plantada de erva-mate neste estado multiplicou-se em aproximadamente 36 vezes, representando 20% do total da área destinada a esta cultura no Brasil (*Gráfico 01*).

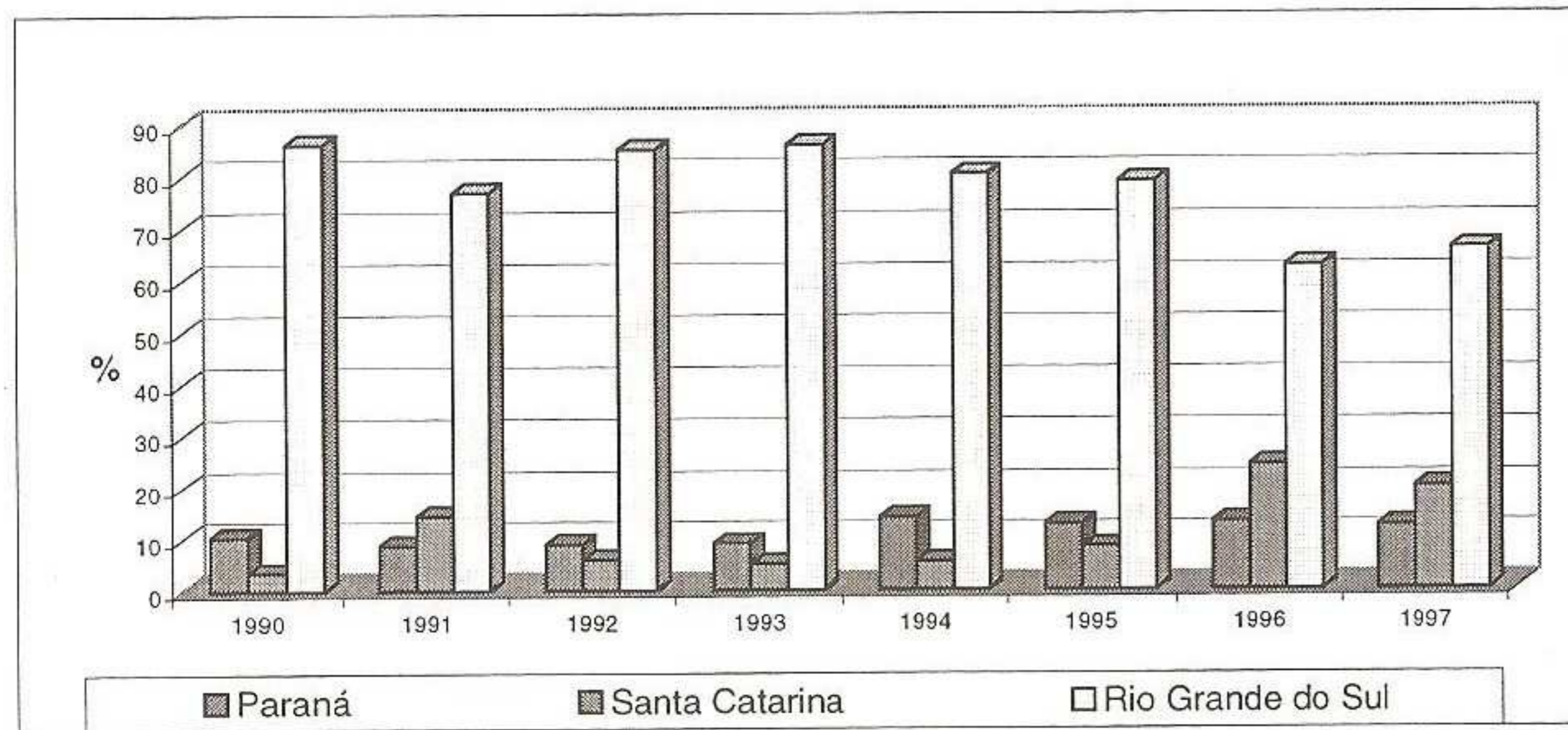


GRÁFICO 1: Participação (%) de cada Estado sobre a Área Plantada de Erva-mate no Brasil, 1990-97.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE (Produção Agrícola Municipal), disponíveis na Internet: <http://www.sidra.ibge.gov.br>

No caso dos ervais paranaenses, embora tenham logrado considerável expansão da área plantada, sua participação sobre o total brasileiro permaneceu relativamente estável. No Rio Grande do Sul, a expansão ocorrida na área plantada de erva-mate não foi suficiente para que os ervais gaúchos, que representavam 86% do total de área ocupada por esta cultura no Brasil em 1990, passassem a representar, no ano de 1997, cerca de 66%. Em termos de Brasil, observa-se que a cultura da erva-mate tem crescido mais fora do principal e tradicional estado consumidor deste produto, o Rio Grande do Sul.

TABELA 2: Quantidade Produzida de Erva-mate em Folha Verde no Brasil (1990-97).

Ano	Paraná		Santa Catarina		Rio Grande do Sul		Outros Estados		Brasil	
	Toneladas	%	Toneladas	%	Toneladas	%	Toneladas	%	Toneladas	%
1990	6.106	4	4.996	3	135.970	92	0	0	147.072	100
1991	5.628	3	34.624	21	126.179	76	0	0	166.431	100
1992	6.222	4	16.516	11	123.230	84	5	0	145.973	100
1993	8.308	4	23.102	10	195.917	86	11	0	227.338	100
1994	17.246	8	27.930	13	177.181	80	20	0	222.377	100
1995	20.277	8	39.371	16	187.546	76	20	0	247.214	100
1996	34.677	16	51.615	24	128.284	60	0	0	214.576	100
1997	43.725	14	46.017	15	212.632	69	4.953	2	307.327	100

FONTE: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE (Produção Agrícola Municipal), disponíveis na Internet: <http://www.sidra.ibge.gov.br>

Em poucos anos (1990 a 1997) a expansão da área cultivada com erva-mate nos estados de Santa Catarina e Paraná já se mostra visível em termos de quantidade produzida. O Rio Grande do Sul, que era responsável por 92% da erva-mate em folha verde produzida no Brasil em 1990, passa, em 1997, a representar 69% desta produção (Tabela 02 e Gráfico 02).

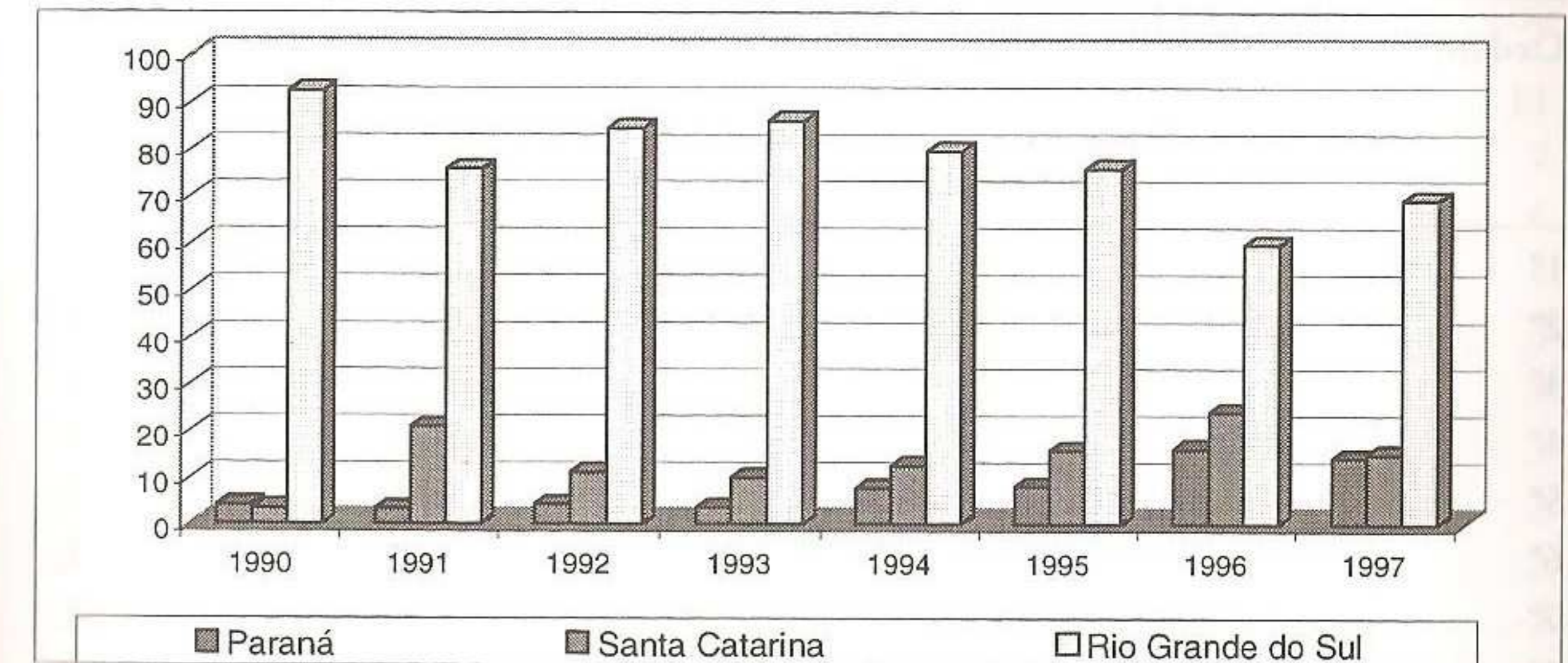


GRÁFICO 2: Participação (%) de cada Estado sobre a Quantidade Produzida de Erva-mate (folha verde) no Brasil, 1990-97.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE (Produção Agrícola Municipal), disponíveis na Internet: <http://www.sidra.ibge.gov.br>.

No gráfico acima, percebe-se que os estados de Santa Catarina e Paraná têm ampliado sua participação na produção brasileira de erva-mate. Estes dois estados são os principais responsáveis pela expansão da produção nacional em cerca de 110% entre os anos de 1990 e 1997.

3.2 Produção de erva-mate no Rio Grande do Sul e no Vale do Rio Pardo

O Rio Grande do Sul é o maior produtor brasileiro de erva-mate em folha verde, produzindo 69% do total nacional. Neste estado, foram produzidos no ano de 1997 (Tabela 02) 216,6 mil toneladas de erva-mate em folha verde. Conforme o Censo Agropecuário 1995-1996 (IBGE, 1998) esta produção ocorre principalmente em propriedades pequenas com menos de 50 hectares somando 26,7 mil estabelecimentos (90%) de um total de 29,6 mil estabelecimentos agrícolas produtores de erva-mate. Esta produção, decorrente de 34,9 mil hectares cultivados (Tabela 03), representa uma renda bruta anual em torno de R\$ 1.242,00 por hectare colhido, conforme o rendimento médio

desta cultura obtido no estado (8,8 ton./ha) e o preço de mercado (em torno de R\$ 0,14/kg).

TABELA 3: Área Plantada (hectare) de Erva-mate nos Municípios do Rio Grande do Sul – 1997.

Ordem	Município	1997	Participação (%)
	Rio Grande do Sul	34.977	100
1°	Venâncio Aires	5.600	16
2°	Arvorezinha	3.000	9
3°	Fontoura Xavier	2.700	8
4°	Ilópolis	1.800	5
5°	Palmeira das Missões	1.160	3
6°	Erebango	950	3
7°	Itapuca	870	2
8°	Erechim	800	2
9°	Sinimbu	780	2
10°	Áurea	732	2
11°	Nova Alvorada	550	2
	Outros	16.035	46

FONTE: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE (Produção Agrícola Municipal), disponíveis na Internet: <http://www.sidra.ibge.gov.br>

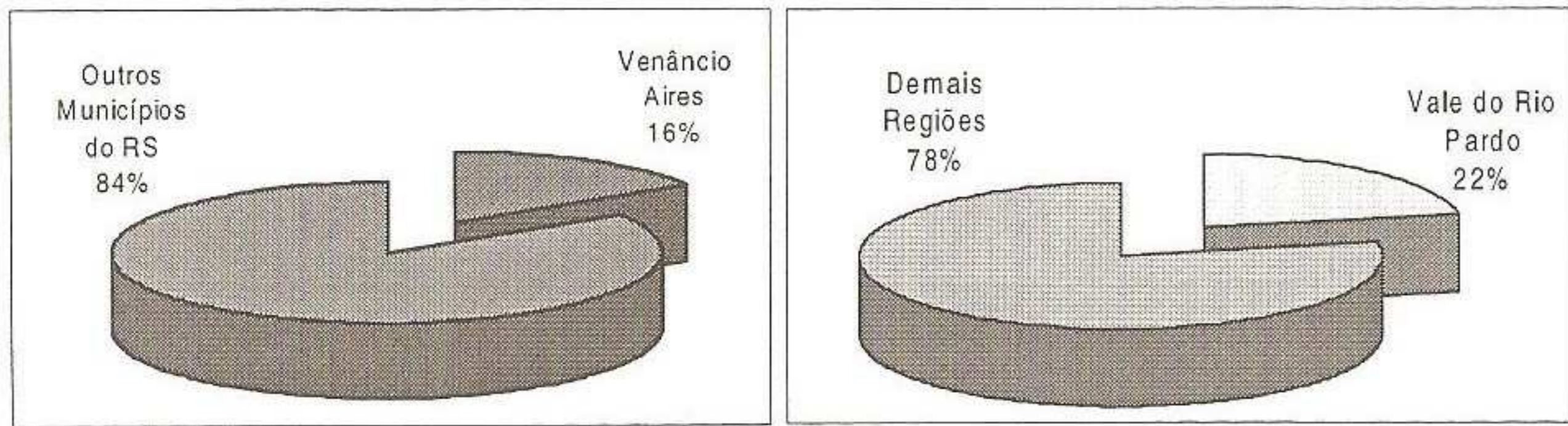
Tanto na produção como em termos de área ocupada pelos ervais, o município de Venâncio Aires merece destaque no Rio Grande do Sul. Aproximadamente 16% dos ervais gaúchos localizam-se neste município, os quais produzem algo como 11% da erva-mate em folha verde produzida no estado (*Tabelas 03 e 04 e Gráficos 03 e 04*). O restante da produção encontra-se dispersa e em outros municípios. Juntamente com Venâncio Aires, outros 14 municípios somam 51% da produção gaúcha de erva-mate em folha verde, configurando-se nos principais produtores.

TABELA 4: Quantidade Produzida (tonelada) de Erva-mate (folha verde) nos Municípios do Rio Grande do Sul, 1997.

Ordem	Município	1997	Participação (%)
	Rio Grande do Sul	34.977	100
1°	Venâncio Aires	23.265	11
2°	Arvorezinha	15.000	7
3°	Fontoura Xavier	12.000	6
4°	Erebango	9.310	4
5°	Ilópolis	7.000	3
6°	Palmeira das Missões	6.888	3
7°	Itapuca	5.400	3
8°	Erechim	4.800	2
9°	Seberi	4.301	2
10°	Vila Maria	4.000	2
11°	Ijuí	3.840	2
12°	Áurea	3.660	2
13°	Sinimbu	3.290	2
14°	Anta Gorda	3.286	2
15°	Eerval Seco	3.220	2
	Outros	103.372	49

FONTE: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE (Produção Agrícola Municipal), disponíveis na Internet: <http://www.sidra.ibge.gov.br>

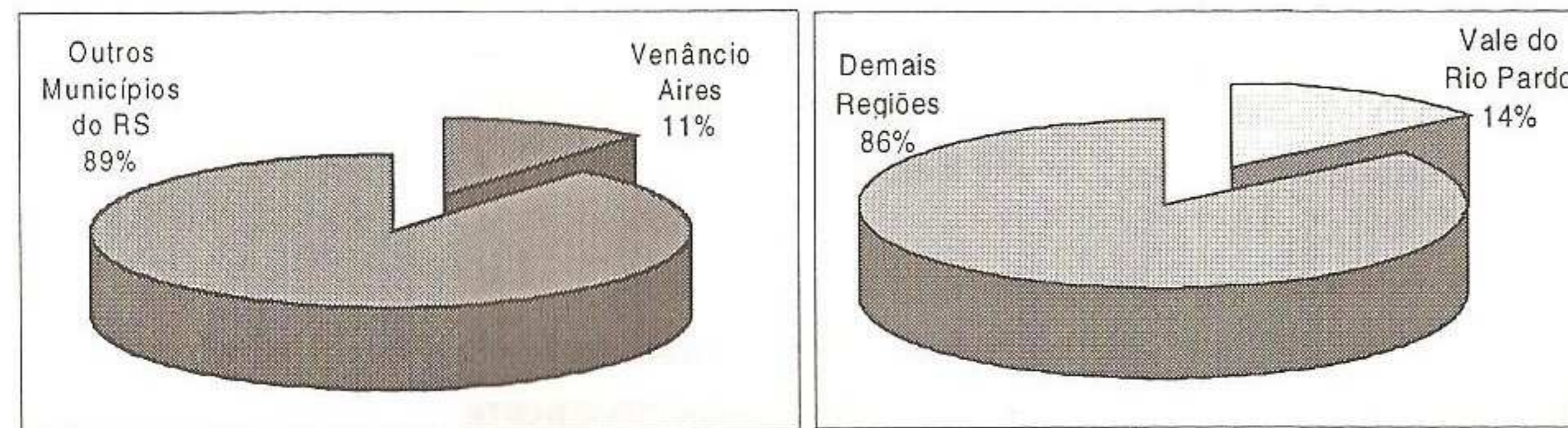
Destacam-se, ainda, na produção de erva-mate no Rio Grande do Sul os municípios de Arvorezinha, Fontoura Xavier e Erebang, respectivamente participando com 7%, 6% e 4% da produção total de erva-mate em folha verde no estado.



GRÁFICOS 3 e 4: Área Plantada de Erva-mate no Rio Grande do Sul – 1997.

FONTE: Elaborados pelo autor a partir de dados do IBGE (Produção Agrícola Municipal), disponíveis na Internet: <http://www.sidra.ibge.gov.br>

Na Região do Vale do Rio Pardo, onde está localizado o município de Venâncio Aires, pode-se fazer referência aos municípios de Sinimbu e Mato Leitão como segundos maiores produtores regionais de erva-mate em folha-verde, porém com produção distante da obtida em Venâncio Aires. Na região do Vale do Rio Pardo como um todo, encontra-se 22% da área plantada com erva-mate no estado do Rio Grande do Sul. Por sua vez, os ervais desta Região são responsáveis pela produção de aproximadamente 14% da erva-mate em folha verde do estado (*Gráfico 06*).



GRÁFICOS 5 e 6: Quantidade Produzida de Erva-mate (folha verde) no Rio Grande do Sul – 1997.

FONTE: Elaborados pelo autor a partir de dados do IBGE (Produção Agrícola Municipal), disponíveis na Internet: <http://www.sidra.ibge.gov.br>

É importante mencionar que, na sua origem (produção agrícola) a atividade ervateira no Rio Grande do Sul se desenvolve em pequenas unidades rurais de produção

e de forma geograficamente dispersa. Estas características revelam o caráter atomístico da produção de erva-mate em folha verde.

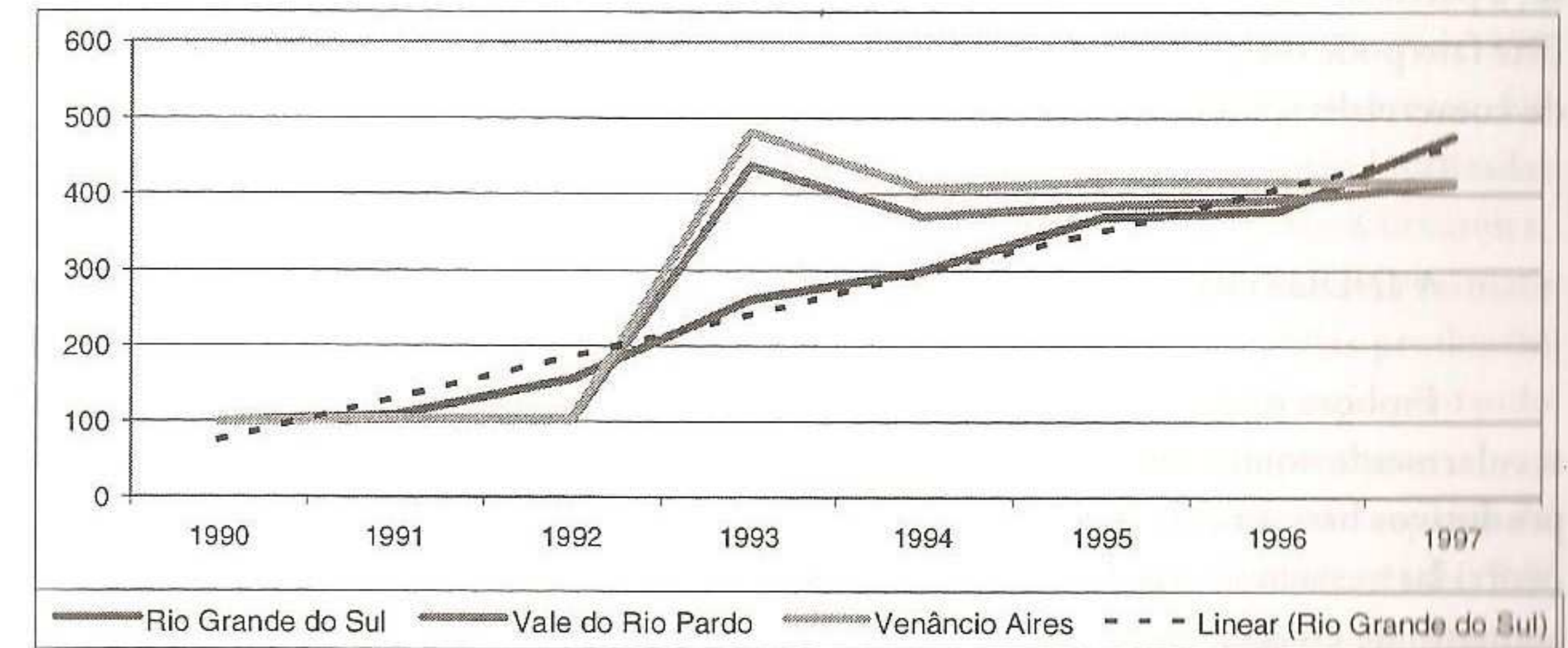


GRÁFICO 07: Área Plantada de Erva-mate nas Regiões Seleccionadas (1990-97).

FONTE: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE (Produção Agrícola Municipal), disponíveis na Internet: <http://www.sidra.ibge.gov.br>

Base: 1990 = 100

O *Gráfico 07* apresenta uma tendência crescente na área plantada em termos de Rio Grande do Sul (também observada na *Tabela 01*). Destaca-se, porém, neste gráfico que o município de Venâncio Aires, e em consequência o Vale do Rio Pardo, apresenta uma perceptível estabilidade na área ocupada pelos ervais, não havendo expansão, principalmente através de ervais plantados.

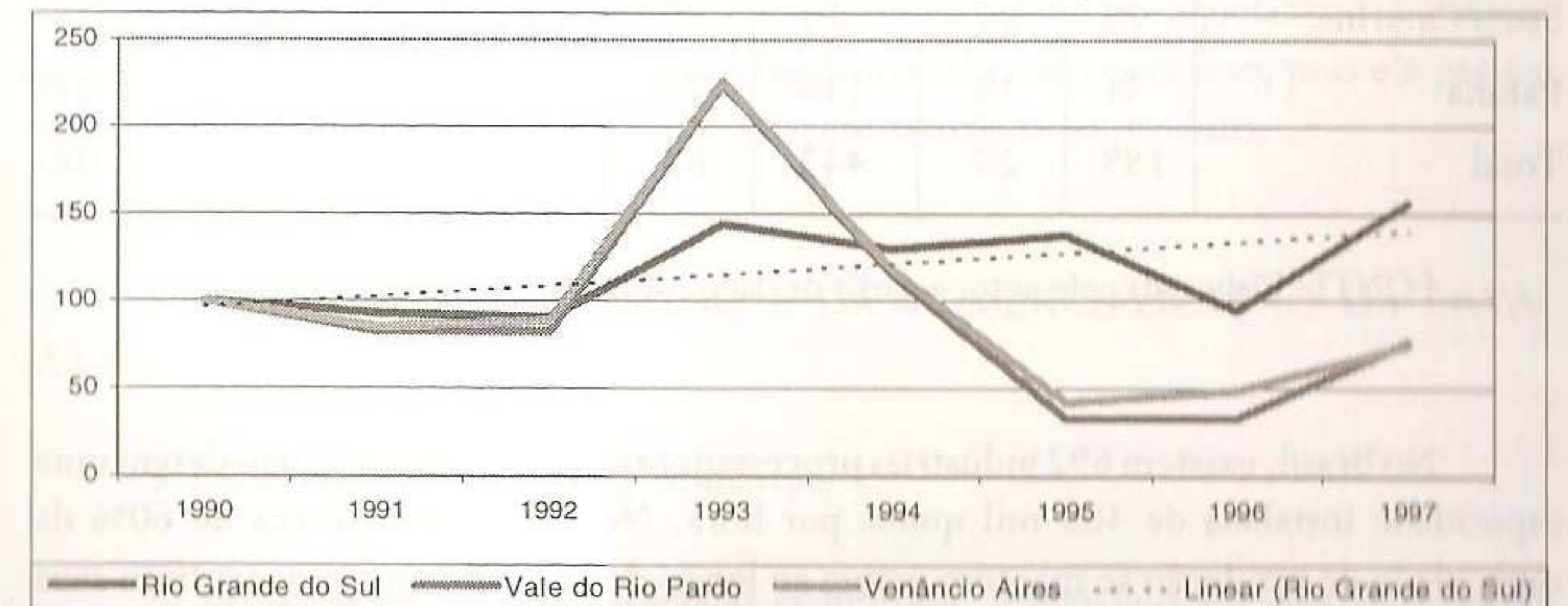


GRÁFICO 8: Quantidade Produzida de Erva-mate nas Regiões Seleccionadas (1990-97)

FONTE: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE (Produção Agrícola Municipal), disponíveis na Internet: <http://www.sidra.ibge.gov.br>

Base: 1990 = 100

Destaca-se no *Gráfico 08*, a sensível queda na quantidade produzida pelos ervais de Venâncio Aires e Região entre os anos de 1993 e 1995, praticamente estabilizando-se, a partir de então, em torno de 60% da produção verificada no início da década de 90. Este fato pode ser parcialmente explicado pela falta de estímulo, através das dificuldades de comercialização da erva-mate nas indústrias locais.

4 INDUSTRIALIZAÇÃO DA ERVA-MATE

Embora os processos básicos de preparação da erva-mate para chimarrão sejam secularmente conhecidos, a indústria moderna deste segmento mantém seus processos produtivos basicamente inalterados. As modificações de ordem tecnológica e inovativa ocorridas nesta indústria do mate referem-se a automação dos processos de embalagem, aumento de escala e mecanização.

Apesar da dificuldade de se obter dados sobre a indústria ervateira, Mazuchowski (1996) revela que este segmento da indústria brasileira está formado basicamente por unidades de pequeno porte e capacidade operacional (91% do total de empresas).

TABELA 5: Número de Estabelecimentos Industriais do Segmento de Erva-mate Segundo o Tamanho – 1995.

Estado	Micro		Pequena		Média/Grande		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Rio Grande do Sul	135	34	237	60	26	7	398	100
Santa Catarina	23	27	59	69	3	4	85	100
Paraná	31	15	146	70	32	15	209	100
Total	189	27	442	64	61	9	692	100

FONTE: Elaborada pelo autor a partir de dados de Mazuchowski (1996).

No Brasil, existem 692 indústrias processadoras de erva-mate, as quais detêm uma capacidade instalada de 405 mil quilos por hora. Nesta indústria, cerca de 60% da capacidade de produção se mantém ociosa ao longo do ano, dado que concentram seus esforços produtivos em determinadas épocas que coincidem com a colheita da erva-mate. O estado do Paraná apresenta a maior proporção (15%) de indústrias de médio e grande porte, comparado ao Rio Grande do Sul (7%) e Santa Catarina (9%). Em decorrência, principalmente do seu pequeno porte, a indústria ervateira não tem desenvolvido

parcerias tecnológicas ou integração na cadeia produtiva. Os sindicatos e associações setoriais são pouco atuantes, resultando em desarticulação em torno de proposições de políticas setoriais.

Segundo dados da *Tabela 05*, em 1995 existiam no Rio Grande do Sul, 398 indústrias ervateiras. Destas, 93% configuram-se em micro ou pequenas empresas. No município de Venâncio Aires, situado na região do Vale do Rio Pardo, estão localizadas quatro indústrias ervateiras: Agroindustrial Elacy Ltda, Rainha dos Pampas Ind. Ervateira, Industrial do Mate Ltda., Alfredo Scherer e Cia. Ltda. e o Departamento de Erva-mate do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Venâncio Aires. Estas indústrias produzem anualmente cerca de 2,6 milhões de quilos de erva-mate para chimarrão, representando algo em torno de 3% do consumo anual do mercado gaúcho para este produto.

Dado uma situação de pequeno porte, as indústrias ervateiras não são capazes de isoladamente influenciar o preço de mercado da erva-mate consumida no estado. Por outro lado, a erva-mate representa um produto fortemente tradicional e, portanto, razoavelmente homogêneo em suas características intrínsecas. Assim, as indústrias ervateiras concorrem entre si através da promoção e fixação de suas marcas junto aos consumidores, no sentido de que estas marcas estão associadas a diferenciais de qualidade.

Na busca da diferenciação aparente de seus produtos, muitas ervateiras mantêm mais de uma marca de erva-mate no mercado, na tentativa de conquistar consumidores pelo nome do produto ou por diferenciar em termos de embalagens. Na teoria econômica este comportamento estratégico e a estrutura na qual se insere a indústria ervateira, encontra similitude no modo concorrencial conhecido por concorrência monopolística. Neste modelo, a ênfase estratégica se dá juntamente na diferenciação do produto, principalmente àquela voltada à imagem deste produto frente aos consumidores. É, portanto, visível que a estratégia de mercado voltada ao consumidor usualmente eleita pela indústria do segmento da erva-mate, como estratégia de efeito, aquela ligada à imagem do produto. A embalagem assume papel fundamental neste processo, pois ela passa a representar o diferencial de qualidade e imagem associada ao produto.

5 ASPECTOS DO CONSUMO E DA COMERCIALIZAÇÃO DA ERVA-MATE

5.1 Consumo de erva-mate chimarrão

O processo de mundialização das economias, potencializado pela facilidade e velocidade do intercâmbio de informações, tem transformado os hábitos dos consumidores. De um lado, novos produtos alimentares têm encontrado espaço na mesa dos consumidores brasileiros que, até então, praticamente desconheciam tais produtos.

Este processo chamado de globalização provoca, portanto, uma mescla de culturas. De outro lado, os consumidores envolvidos por uma idéia de “cultura global” têm manifestado um comportamento que demonstra a busca por uma identidade local e regional, manifestada na demanda por produtos com os quais ele se identifica. Neste sentido, a erva-mate para chimarrão é um exemplo típico, enquanto característico de uma identidade de cultura regional.

Para cada bem ou serviço disponível no mercado, um conjunto de fatores socioculturais, pessoais e psicológicos exercem influência direta na decisão de compra dos consumidores em somatório às variáveis preço e qualidade, tanto aparente como intrínseca. Na questão da erva-mate, o componente sociocultural representa um fator fortemente influente na demanda do produto. Especialmente no Rio Grande do Sul, o hábito do chimarrão está presente em grande parte das famílias, indiferentemente do seu *status* econômico. A erva-mate trata-se, portanto, de um produto ligado às raízes culturais do povo gaúcho e cujas preferências por qualidade não diferem significativamente entre classes sócio-econômicas distintas.

No Rio Grande do Sul, segundo dados de Winge *et alii* (1995), são consumidas anualmente 70 mil toneladas de erva-mate para chimarrão. Tomando-se por base a população gaúcha no período de sua análise (1990), calcula-se um consumo médio *per capita* anual de 7,8 kg de erva-mate chimarrão no estado. Se mantido este padrão de consumo, hoje as quantidades consumidas deste produto no estado somariam aproximadamente 77 mil toneladas ao ano (*Tabela 06*). É preciso considerar que 80% deste consumo corresponde a parcela urbana da população e, assim, as estratégias de penetração no mercado da erva-mate para chimarrão devem considerar o perfil e as preferências específicas destes consumidores.

Para a Região do Vale do Rio Pardo, este perfil de consumo apresenta uma leve diferença. A estimativa de consumo nos municípios desta região alcança anualmente 3,6 mil toneladas, das quais 45% representa o consumo da população rural.

TABELA 6: Estimativa do Consumo e Capacidade de Produção de Erva-mate no Rio Grande do Sul (1997).

Região	Consumo		Capacidade de Produção dos Ervais	
	(t)	Participação sobre o RS	Beneficiada (t)	Participação sobre o consumo do RS
Venâncio Aires	458	1%	8.163	11%
Vale do Rio Pardo	3.603	5%	10.684	14%
Demais Regiões	73.213	95%	63.924	83%
Rio Grande do Sul	76.816	100%	74.608	97%

FONTE: Estimativas do autor.

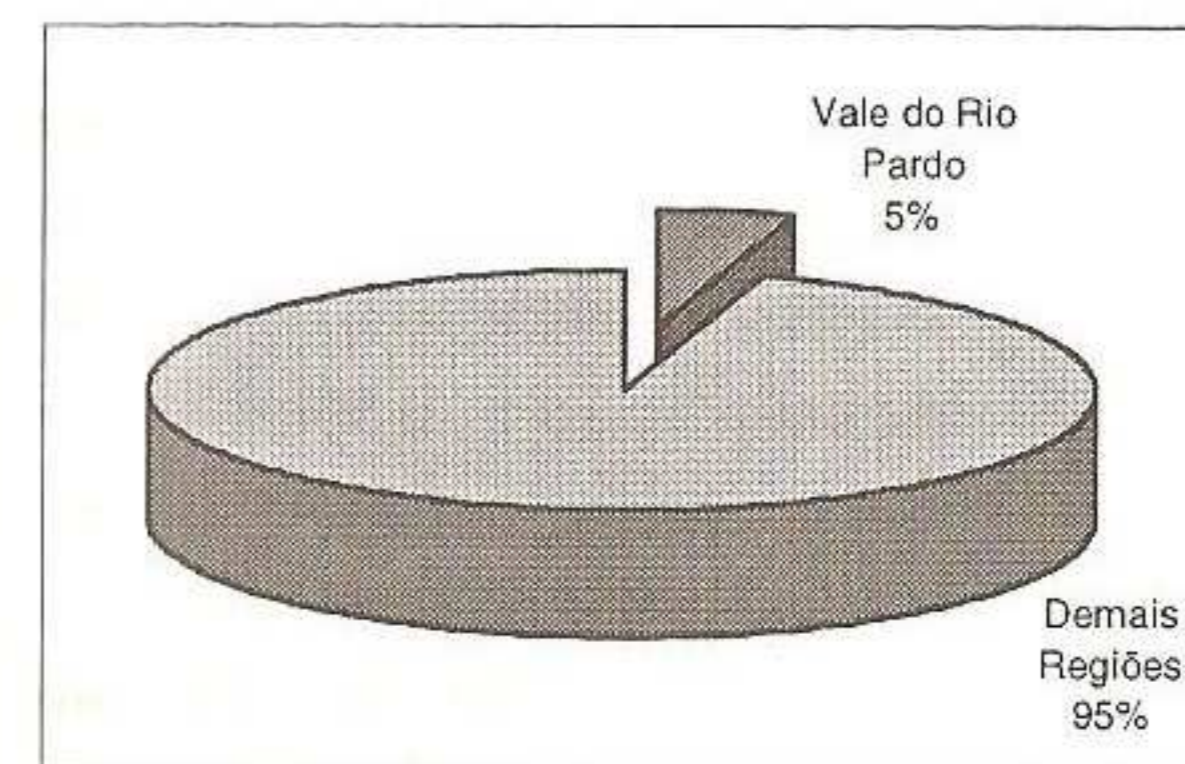


GRÁFICO 9: Consumo de Erva-mate no Rio Grande do Sul.

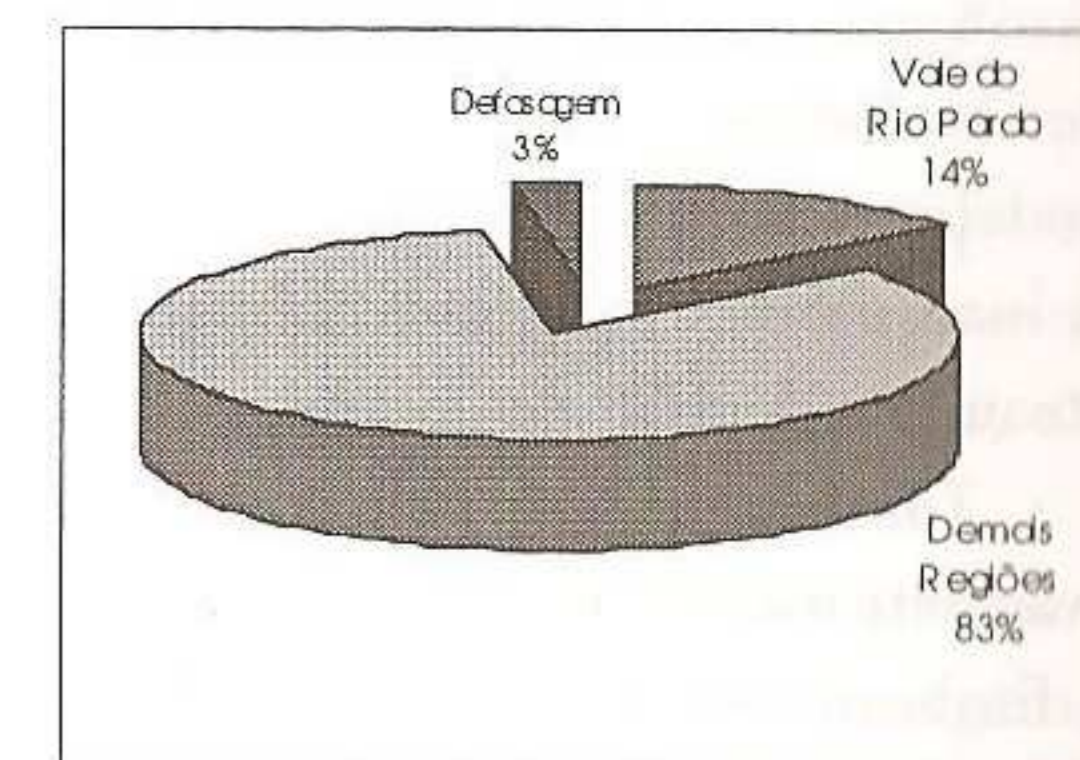


GRÁFICO 10: Capacidade de Produção dos Ervais Gaúchos

FONTE: Elaborados pelo autor a partir de dados da tabela 6.

Partindo dos dados referentes ao consumo de erva-mate no Rio Grande do Sul (*Tabela 06*) e da capacidade de produção dos ervais⁴, observa-se que a produção obtida nos ervais gaúchos representaria o atendimento de 97% do consumo, tendo-se por base o ano de 1997. Ou seja, se toda a produção obtida nos ervais gaúchos fosse convertida em erva-mate para chimarrão, pelo menos 3% da estimativa de consumo não seria atendida. Esta constatação revela a necessidade de que, para atendimento do mercado gaúcho há

⁴ De cada 2,85 kg de erva-mate em folha verde obtém-se 1 kg de erva-mate chimarrão.

a necessidade de importação de erva-mate de outros estados como Santa Catarina e Paraná. Ou ainda através da importação, por parte da própria indústria gaúcha, de erva-mate cancheada proveniente dos países da Região do Prata (principalmente da Argentina).

Em entrevista ao jornal Zero Hora em 10 de maio de 1998, o então presidente do Sindicato da Indústria do Mate, Sr. Lúcio Metzdorf justifica a importação de erva-mate de outros estados e também da Argentina argumentando que a indústria no Rio Grande do Sul produz anualmente 70 mil toneladas anuais enquanto o consumo gira em torno de 100 a 120 mil toneladas. De acordo com esta afirmação, haveria um defasagem de 30 a 40% em relação a produção estadual.

Tratando-se da Região do Vale do Rio Pardo, apesar dos ervais localizados nesta região serem capazes de atender até 14% do consumo estadual, a capacidade de produção da indústria regional (algo em torno de 3 mil toneladas/ano) ainda não é suficiente para satisfazer o consumo estimado para a região (3,6 mil toneladas/ano). Deste fato, pode-se inferir que aproximadamente 17% da erva-mate consumida nesta região é industrializada em outras regiões ou estados.

Souza (1998) revela que houveram modificações nos padrões de consumo da erva-mate. Atualmente, o produto de maior consumo não corresponde ao produzido segundo o modelo tradicional, mais próximo ao artesanal. O consumidor acostumou-se com uma erva mais verde e de gosto suave e adocicado. A qualidade passou a ser vista pela cor, norteando a decisão de compra do consumidor.

Também afetada pela era do consumo de massa e da padronização dos produtos, a erva-mate mais largamente produzida e consumida no mercado brasileiro é a do tipo PN-1⁵. Embora esta tipologia estabelecida dê margem a configurações diferenciadas em termos de processo produtivo, não encontra-se no mercado uma marca de erva-mate chimarrão que valoriza este aspecto.

Hoje não existe no mercado outro produto possível de ser adquirido nos pontos de venda finais que não seja o tipo PN-1. Todas as erva-mate no mercado, aliás, poderiam ser classificadas como PN-1, apesar de grandes diferenças poderem ser percebidas entre a produção tradicional e a produção industrializada. Os objetivos de se classificar o produto – ligados a diferenciação – foram deixados de lado e correm o risco do esquecimento e da perda completa do sentido (Souza, 1998, p. 76).

⁵ Portaria do Ministério da Saúde nº. 118-N de 12 de novembro de 1992, que estabelece uma composição de 70% de folhas e 30% de paus. Esta portaria recebeu reformulações através de nova portaria de número 234 de 25 de março de 1998 da Secretaria de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde.

Ainda conforme este autor, a erva-mate produzida em diferentes regiões assume características diferenciadas em termos de sabor. As ervas da região de Santo Ângelo, Passo Fundo e Erechim têm sabor suave. Na região de Soledade o gosto da erva-mate é intermediário, enquanto que na região do Vale do Rio Pardo (Venâncio Aires) a erva tem gosto mais amargo, porém não tanto quanto a produzida em Cambará do Sul e Torres.

Em termos de diferenciação, é preciso considerar que os consumidores estão cada vez mais conscientes da importância de adquirir bens, principalmente alimentos, cujo processo produtivo respeite o meio ambiente e a saúde das pessoas. Por consequência, estariam propensos a pagar um *plus* em termos de preços pela garantia da qualidade e compatibilidade ambiental do produto. No caso da erva-mate, esta questão, que necessariamente passa pela certificação ambiental, é praticamente inexistente enquanto elemento de diferenciação do produto.

Em termos de preços, não se pode afirmar que as decisões de compra dos consumidores estão dissociados do preço da erva-mate. Neste aspecto, não se tem conhecimento de estados de elasticidade-preço que possam subsidiar afirmações sobre em que medida os preços da erva-mate influenciam as quantidades consumidas. Porém, pode-se supor que para grupos de consumidores de menor renda, o preço da erva-mate seja a principal variável considerada na decisão de compra. Explica-se esta suposição através da hipótese da relativa homogeneidade do produto, ou seja, o consumidor é conhecedor de que as qualidades intrínsecas da erva-mate (sabor, cor, textura, etc.) sofrem pequenas variações entre as marcas à sua disposição.

Os grupos de consumidores de rendas mais elevadas tendem a considerar na sua decisão de consumo variáveis associadas, além da qualidade do produto, a imagem do produto. O consumidor de erva-mate que localiza-se nos extratos de renda superiores prioriza a informação sobre o produto que está consumindo. Aspectos associados à origem e ao processo de produção como os de cunho ambiental, tecnológico e também social são fatores relevantes na decisão de consumo. Este conjunto de informações são levadas a este consumidor mais freqüentemente através da publicidade e da propaganda, porém, a embalagem também constitui-se num mecanismo de ordem visual e informativo fortemente valorizado pelo consumidor.

5.2 Comercialização da erva-mate chimarrão

Do lado da comercialização, a estrutura é também simples, o produtor entrega a erva colhida nos ervais (folhas verdes) às indústrias de beneficiamento responsáveis pelo processo de produção da erva-mate para o seu consumo final.

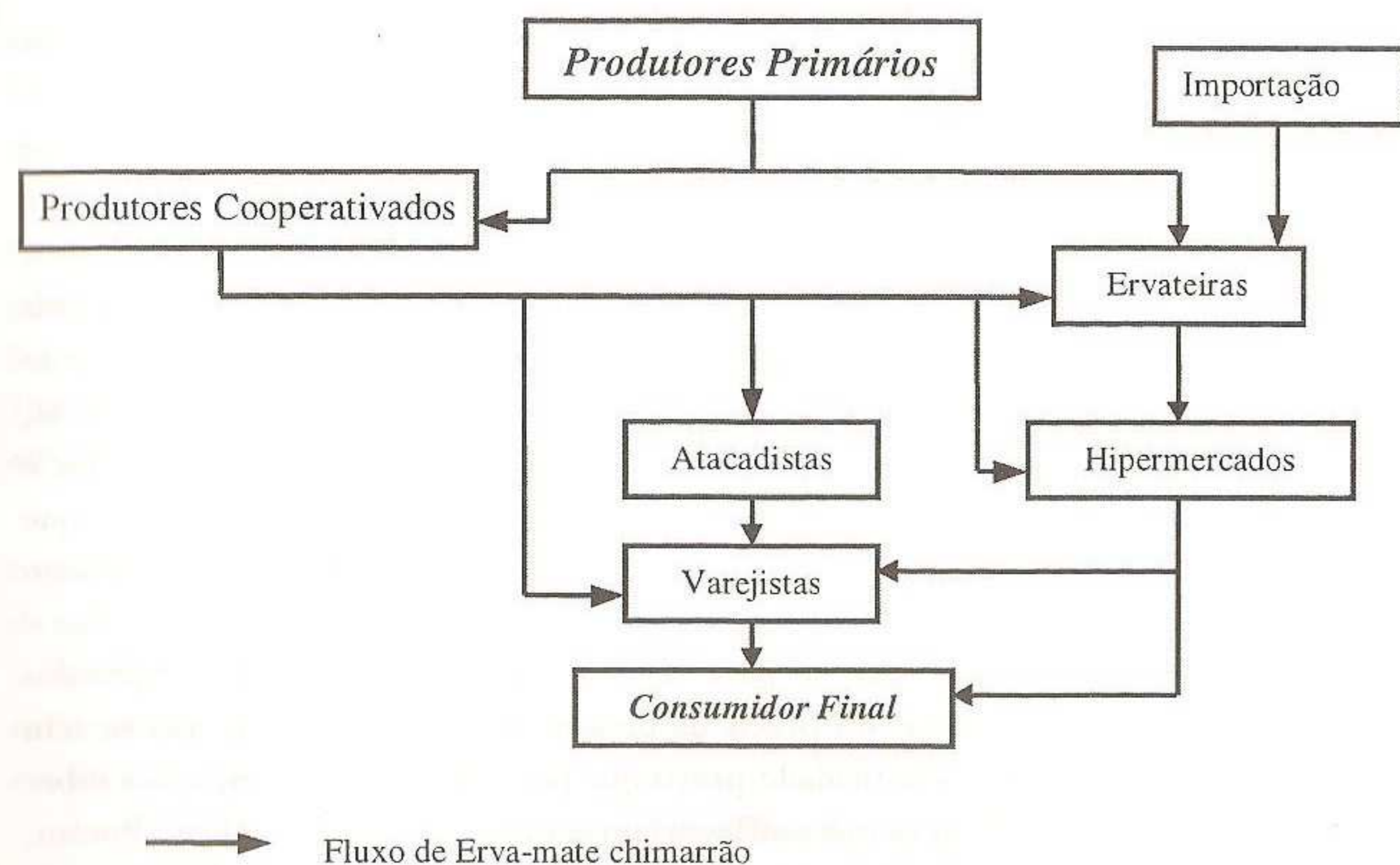


FIGURA 1: Estrutura da Cadeia de Comercialização da Erva-mate Chimarrão no Rio Grande do Sul.

FONTE: Elaborado pelo autor a partir de informações setoriais.

O produtor recebe, em média, R\$ 0,14 por quilo de erva-mate entregue à indústria beneficiadora (ervateira), que após passar pelos demais canais e agentes de comercialização, chega até o consumidor final a R\$ 1,50 o quilo⁶, em média. Isto representa uma margem de comercialização total relativa de aproximadamente 90%, remunerando os serviços envolvidos no processo de comercialização.

No caso geral da erva-mate, que configura-se num produto relativamente homogêneo, de considerável volume e de baixo valor unitário e de largo consumo, os canais de comercialização que envolvam agentes especializados na distribuição aos pontos de consumo são os mais indicados. Assim, as indústrias ervateiras de menor porte, devem optar por uma rede de distribuição que envolva agentes atacadistas capazes de colocar o produto nos mais dispersos pontos de consumo possíveis dentro do estado. Canais mais

⁶ Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas - CEPE/UNISC: Cálculo do Cesto Básico de Consumo Popular no município de Santa Cruz do Sul - RS.

curtos, como a venda direta aos estabelecimentos varejistas somente serão viáveis após o domínio do mercado e de uma estrutura de comercialização (canais logísticos) própria, por parte da empresa. Neste sentido, o estabelecimento de alianças estratégicas com atacadistas e distribuidores poderia configurar-se em uma alternativa capaz de conduzir à maior eficiência no processo de comercialização e divulgação do produto.

Estratégias de divulgação do produto deverão ressaltar o aspecto cultural da produção e a preocupação ambiental que envolve a produção de erva-mate. Por outro lado, embora haja um déficit no abastecimento do mercado gaúcho, o apego do consumidor por marcas específicas, impõe às indústrias que pretendam penetrar neste mercado a necessidade de estratégias consistentes de comercialização e marketing do seu produto. Grande parte do sucesso de novos empreendimentos neste segmento de indústria tradicional está na esfera da comercialização.

6 CONCLUSÕES

A chamada economia da erva-mate, nasceu como atividade meramente extrativa e voltada à complementação da renda dos agricultores imigrantes que se estabeleceram na Região Sul, ainda na segunda metade do século XIX. Hoje, configura-se numa cadeia agroindustrial que envolve grande número de produtores rurais e indústrias processadoras. Percebe-se, nesta atividade, a predominância de ervas nativas, embora a rápida expansão da área plantada de erva-mate na Região Sul, conforme pode ser verificado, tem apontado para o crescimento da cultura a partir de ervas cultivadas.

No período analisado (1990-97), o estado de Santa Catarina apresentou a maior expansão da área cultivada de erva-mate, passando a abrigar 20% da área total destinada a esta espécie florestal no Brasil. Frente a expansão da área e da produção, principalmente em Santa Catarina e Paraná, o Rio Grande do Sul, que ocupa a posição de maior produtor e consumidor brasileiro de erva-mate, observa sua participação relativa declinando no contexto da atividade. Esta relativa estagnação da atividade ervateira no Rio Grande do Sul é ainda mais perceptível na Região do Vale do Rio Pardo, responsável por 14% da produção estadual e onde localiza-se o município de Venâncio Aires, maior produtor gaúcho de mate.

Em termos de consumo de erva-mate chimarrão, destaca-se a postura tradicional do consumidor e, no tocante ao Rio Grande do Sul, a necessidade de importação de outros estados (no mínimo em torno de 3% do total consumido) para complementar a oferta decorrente da produção gaúcha, isto considerando a capacidade de produção plena dos ervas. Porém, a parcela de erva-mate consumida no estado proveniente de Santa Catarina e Paraná pode alcançar maior volume, conforme informações do próprio segmento.

Por fim, cabe destacar que há espaço para a expansão da economia da erva-mate

nos estados do sul do Brasil. No entanto, esta expansão está condicionada a esforços direcionados a estratégias comerciais mais elaboradas, visando atingir tanto novos mercados como conquistar novos consumidores. Também deve-se considerar a possibilidade de usos alternativos para a erva-mate, tal como na composição de refrigerantes, chás e outros tipos de bebidas. Neste sentido, futuros estudos poderiam abordar o processo de comercialização da erva-mate e as relações que se desenham entre os elos desta cadeia produtiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 29. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1989.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Produção agrícola municipal*. (Disponível na Internet: <http://www.sidra.ibge.gov.br>).
- _____. *Censo agropecuário 1995-1996: Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: IBGE, 1998. (Disponível em CD-ROM).
- MAZUCHOWSKI, Jorge Zbigniew, RÜCKER, Neusa Gomes de Almeida. *Erva-mate*. Curitiba: SEAB/DERAL/EMATER-PR, (s.d.). (folheto).
- MAZUCHOWSKI, Jorge Zbigniew (Relator). *Diagnóstico e perspectivas da erva-mate no Brasil*. Chapecó: (s.n.) 1996. (documento).
- SOUZA, Adriano M. de. *Dos ervais ao mate: possibilidades de revalorização dos tradicionais processos de produção e de transformação de erva-mate no planalto norte-catarinense*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1998. (Dissertação de Mestrado em Agroecossistemas).
- WINGE, Helga *et al.* *Erva-mate: biologia e cultura no Cone Sul*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1995.